



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10106 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

APRENDER E RESISTIR: O MST NA LUTA PELA TERRA NA CHAPADA DO APODI

Ângela Thaís da Silva Brito - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Sandra Maria Gadelha de Carvalho - UECE - Universidade Estadual do Ceará

## RESUMO

O trabalho apresenta análises de pesquisa desenvolvida no mestrado, com ênfase nos aprendizados construídos em espaços de educação não formal, tendo como lócus a ocupação "Sem-Terra" que constituiu o Acampamento Zé Maria do Tomé, situado na Chapada do Apodi, no Estado do Ceará. O objetivo geral é refletir sobre o processo educativo emergente da inserção dos(as) camponeses(as) na luta por terra. Com base em estudos bibliográficos e pesquisa qualitativa que ouviu os acampados e acampadas, buscou-se identificar as práticas de educação popular desenvolvidas no âmbito da resistência, e de que forma essas práticas contribuem para a (trans)formação dos sujeitos, referenciando-se nos escritos de Brandão (2012), Freire (2016), Gohn (2001), Freitas(2018), Streck (2006), Carvalho (2017) e Barbosa (2015). Constatou-se que a inserção no contexto de resistência e luta contribui diretamente para uma autoformação político-social, com aprendizados de várias dimensões, sobretudo, quanto a vivência coletiva, a preservação ambiental, e as relações de gênero.

**Palavras-chave:** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Acampamento Zé Maria do Tomé. Educação popular. Movimentos sociais.

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que originou o presente trabalho foi desenvolvida e concluída no transcurso do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no âmbito do Laboratório de Estudos da Educação do Campo (LECAMPO), pela inserção das autoras nas atividades investigativas que aí se desenvolvem. Volta-se para os processos educativos no âmbito de espaços não formais de educação (GHON, 2001), desenvolvidos no contexto da ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que deu origem ao Acampamento Zé Maria do Tomé, localizado na região da Chapada do Apodi, no estado do Ceará, divisa com o Estado do Rio Grande do Norte. Na investigação se dá ênfase aos saberes construídos pelos(as) acampados(as), a partir da inserção nos movimentos sociais e na luta pela terra.

Nas visitas ao locus de investigação foi possível observar como os acampados e acampadas passavam, aos poucos, a assumir funções de organização política, a expor suas ideias e, muitas vezes, fazendo referência a uma transformação pessoal. De tal modo, que a cada participação e/ou conversas informais, algumas indagações foram surgindo: em que dimensões a inserção dos acampados e acampadas na resistência e luta por terra contribuiria para a construção de uma nova concepção de si e do mundo? Que saberes são arregimentados na constituição da sociabilidade que constroem na nova morada e na participação no movimento social?

A fim de responder a esses questionamentos, o objetivo geral da investigação se consubstancia em compreender o fenômeno educativo expresso na luta dos(as) acampados(as), observando a relação entre os saberes populares dos sujeitos históricos e as práticas educativas presentes na atuação dos movimentos sociais.

Em consonância com o objeto deste estudo, tem-se como referência a matriz metodológica dialética, mediante duas categorias essenciais às análises, a contradição e a totalidade, uma vez que estas permitem identificar as tensões sociais vividas, assim como os múltiplos determinantes que incidem na realidade observada.

Ademais, trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, tendo como categorias basilares a educação e movimentos sociais, em diálogo direto com a educação popular, tendo como aporte teórico as contribuições de Brandão (2012), Freire (2016), Gohn (2001), Streck (2006), Carvalho (2017), Barbosa (2015), entre outros.

No que tange à empiria do estudo, conversas informais com os acampados e acampadas e observações do cotidiano registradas em um caderno tipo diário de campo foram realizadas antes da quarentena ocasionada pela pandemia mundial da Covid-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020. O prosseguimento da pesquisa foi possível por meio da plataforma *Google Meet*, a fim de contactarmos representantes do MST, bem como outros parceiros da luta, para realizar entrevistas semiestruturadas, buscando reconstituir o histórico da ocupação e aprendizados para permanência na terra. Por meio do aplicativo *WhatsApp*, contactou-se os(as) acampados(as), os quais discutiram sobre a sua participação política e as mudanças ocasionadas em si e em suas vidas ao participarem da nova sociabilidade. Os(as) depoentes preencheram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, e autorizaram divulgação de seus nomes.

O trabalho reveste-se de importância à medida que permite evidenciar os aprendizados arregimentados que se transformam, historicamente, na permanente resistência dos movimentos sociais do campo pela Reforma Agrária popular, quando as políticas agrícolas e agrárias, no atual governo federal, designado por Fontes (2019) de caráter profascista, priorizam o agronegócio em detrimento da agricultura familiar e camponesa, ampliando-se a violência no campo e a criminalização dos movimentos sociais.

## **2 ACAMPAMENTO ZÉ MARIA DO TOMÉ: TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIAS E APRENDIZADOS**

O Acampamento Zé Maria do Tomé foi constituído por uma ocupação, em 05 de maio de 2014, em parte das terras destinadas ao perímetro Irrigado Jaguaribe - Apodi, como resposta dos camponeses da região da Chapada do Apodi às diversas injustiças ambientais e sociais, causadas pelo avanço do capitalismo no campo (RIGOTTO, 2011). Segundo Freitas (2018), a instalação de empresas de fruticultura irrigada destinada à exportação foi estimulada por políticas de âmbitos federal e estadual, na década de 1980, com a instalação de perímetros

irrigados na região.

Carvalho (2017) avalia que o *modus operandi* das agroindústrias na Chapada se configura ao agronegócio, ao priorizar monoculturas, sementes transgênicas, volumosa carga de agrotóxicos e insumos químicos, maquinário pesado, empregando pouca mão de obra para a produção de *commodities*; destacando-se a desapropriação dos camponeses de suas terras, afinal, “quando o capital se apropria da terra, essa se transforma em terra de negócio, em terra de exploração do trabalho alheio” (OLIVEIRA, 1982, p. 15).

O confronto entre os agricultores familiares que já residiam na região e foram desapropriados para a instalação do Perímetro e os agentes do agronegócio teve trágico desfecho com o assassinato, em 21 de abril de 2010, do agricultor familiar e ambientalista José Maria Filho, conhecido como Zé Maria do Tomé, em referência à localidade em que residia, Tomé, situada na Chapada do Apodi, no município de Limoeiro do Norte. Passada uma década, o processo judicial para criminalização dos culpados ainda segue nos trâmites judiciais sem julgamento do indiciado como mandante do crime.

A instauração do Acampamento origina uma nova sociabilidade entre as aproximadamente 1000 famílias presentes no ato da ocupação, advindas das comunidades circunvizinhas e coordenada pelo MST.

A referida ocupação luta pela desapropriação de 1.700 hectares de terras que oficialmente estão sob o controle do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Denuncia Carvalho (2017) que, nessa peleja, até 2019, os acampados e acampadas têm resistido a mandados de reintegração de posse da terra, de iniciativa da Federação das Agroindústrias do Perímetro Irrigado Jaguaribe - Apodi (FAPIJA).

Nesse clima tenso, identificamos na pesquisa que permanecer na terra tem exigido determinação, organização social, política e produtiva. O relato da assentada Mônica revela algumas mudanças ocorridas em suas vidas:

Uma coisa que eu considero que mudou foi a vivência em comunidade, porque a gente morava na comunidade do Tomé, mas era cada um por si e Deus por todos; as pessoas mal se ‘importa’ com a outra... e aqui não! No Acampamento a vivência em coletivo é muito aproximador e isso mudou muito pra mim e me dá muita força pra lutar e ajudar os outros companheiros, né, cada vez mais. É tanto que também foi formado o grupo de mulheres pra dar visibilidade ao Acampamento, porque aqui não tem só homem e marginal... aí juntou o pouco de mulheres que quis entrar no grupo e nos juntou cada vez mais, nos fez entender umas às outras, ajudar... coletivamente, diariamente. Às vezes com uma simples palavra que eu falo, eu já tô ajudando a outra companheira, isso foi o que mudou muito meu pensamento, essa forma de vivência coletiva, o companheirismo, a união. Por mais dificuldades que a gente passe, os desentendimentos... porque cada um tem a sua opinião, mas é uma forma muito diferente e gratificante de viver em comunidade (Acampada Mônica Oliveira, em 30 de abril de 2021)[1].

O depoimento anuncia uma nova sociabilidade trazendo a vivência da alteridade, com destaque para o grupo de mulheres, com um objetivo político de evidenciar outra visão social de si enquanto sujeito, assim como subjetivamente as fez entender o(a) outro(a), aprendendo a conviver com as diferenças avaliado como fator positivo para a vida em comunidade. São reflexões que apontam para outra leitura de mundo, conforme elucidada Freire (2016), do lugar social, da posição da classe.

Os princípios organizativos do MST, assim como a cooperação autogestionária - a forma como se divide a participação dos núcleos familiares, os projetos de iniciação à

agroecologia -, meios de incentivo à transição para uma forma sustentável de produção, sem o uso de agrotóxicos, dentre outras ações propostas e organizadas pela resistência, são cruciais para os aprendizados requisitados a fim de que permaneçam na terra ocupada, mas possam nela construir projetos para sua reprodução social, em confronto como o projeto do agronegócio. É o que destaca uma das participantes entrevistadas:

É possível fazer luta na Chapada! No território, onde a violência amedronta. Mesmo numa realidade de tanta violência (...) há uma forte e bonita resistência lutando por novas formas de produzir e viver na terra, né. São companheiros que tão ali no meio daquele... eu diria que ali nós estamos na boca do tubarão, no coração do agronegócio! Mesmo assim, seguem resistindo, construindo valores como o da solidariedade. Nós temos vários exemplos, várias experiências da construção desses valores, de participação nas lutas... eu acho que isso tudo é construção nova, do ser humano novo, da mulher e do homem novo. É a construção da coletividade (Maria de Jesus, MST, em 08 de janeiro de 2021). [2]

A coletividade emerge como o lugar onde é possível a insurgência do ser, em contraposição à carregada meritocracia individualista, tão propalada socialmente, como viés da ideologia neoliberal nos dias atuais. A palavra, agora pronunciada por aqueles a quem foi negada historicamente, é destacada por Brandão (2012) como base da educação popular. O diálogo proposto por Freire (2016) como fundamento da leitura do mundo e da Pedagogia do Oprimido consubstancia a sociabilidade emergente.

Dessa forma, não se pode desconsiderar as práticas educativas desenvolvidas em meio aos movimentos sociais, pois estas, além de possibilitar uma formação política, direcionam a aquisição da criticidade necessária para o processo de conscientização nos marcos da educação popular (STRECK, 2006). Todavia, foi possível identificar tensões na coletividade, pois como nos alerta Freire (2016), a Pedagogia do Opressor também é introjetada pelos(as) oprimidos(as), quando incorporam o medo imobilizante, a desesperança paralisante e a figura considerada onipotente do opressor. Assim, a educação popular, em sua criticidade, se faz um *continuum* protagonizado pelos sujeitos coletivos, em meio às contradições sociais próprias do capitalismo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Acampamento Zé Maria do Tomé é um espaço de resistência e aprendizados. Pode-se constatar temas emergentes que propiciam novas concepções a respeito das relações de gênero, pois o Grupo de Mulheres, em suas ações, com escuta amorosa e atividades ligadas à produção, tem incidido no cenário da organização coletiva.

No confronto com o projeto produtivo do agronegócio outro tema se destaca: a agroecologia, constituindo um *front* externo e interno aos acampados e acampadas, que têm buscado parcerias em outras organizações, como a Universidade e a Caritas Diocesana, por cursos e orientações para sua implementação.

Nesse esteio, se põe em evidência a temática ambiental, de segurança alimentar e saúde. Assim, diversificam o repertório de frentes de lutas e aprendizados em temáticas constituídas mais recentemente e abordadas na relação que Barbosa (2015) denomina “a práxis educativo-política dos Sem Terra”, tomando por base que “a práxis...é reflexão e ação dos homens [e mulheres] sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2016, p. 40).

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Lia Pinheiro. **Educación, resistencia y movimientos sociales: la praxis educativo-política de los Sin Tierra y de los Zapatistas**. 2015. 466 p. (Colección investigación doctoral).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CARVALHO, Sandra M. G. de. Resistência, discurso e identidade: extensão e educação popular no Acampamento José Maria do Tomé, Ceará, Brasil. *In*: ALENCAR, Claudiana Nogueira; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da; COSTA, Nelson Barros da (orgs.). **Discursos, fronteiras e hibridismo**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2017.
- FONTES, Virgínia. O núcleo central do governo Bolsonaro: o protofascismo. **Combate Racismo Ambiental**, 11 jan. 2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/01/11/o-nucleocentral-do-governo-bolsonaro-o-protofascismopor-virginia-fontes/>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREITAS, Bernadete Maria Coêlho. **Campesinato, Uso de Agrotóxicos e Sujeição de Renda da Terra ao Capital no Contexto da Expansão da Política Nacional de Irrigação no Ceará**. 2018. 325f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. Cortez, 2001.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Os posseiros e a luta contra o capital: a terra é de ninguém. **Caderno Prudentino de Geografia**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 9-22, 1982.
- RIGOTTO, Raquel Maria (org.). **Agrotóxicos, trabalho e saúde: vulnerabilidade e resistência no contexto da modernização agrícola no Baixo Jaguaribe/CE**. Fortaleza: UFC, 2011.
- STRECK, Danilo R. A educação popular e a (re)construção do público: Há fogo sob as brasas? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, p. 272-372, maio/agosto. 2006.

---

[1] Entrevista com a acampada Mônica Oliveira, pelo aplicativo WhatsApp, no dia 30 de abril de 2021.

[2] Entrevista com Maria de Jesus, militante do MST, pelo aplicativo Google Meet, no dia 08 de janeiro de 2021.